Tradição e modernidade

Restauração valoriza imponência das torres do Castelo da Fiocruz

1987

Restauração Torre Norte

1989

Restauração Hall Central, Varanda Leste

Jacqueline Boechat

Imponentes, surgindo em meio às árvores no alto de uma colina, as torres pontilhadas por ornatos e arabescos do Pavilhão ou Castelo Mourisco identificam de tal forma a Fundação Oswaldo Cruz que estampam a logomarca da instituição. Bem antes de surgir o edifício com inspiração no palácio espanhol de Alhambra, o espaço onde funciona hoje o *campus* Manguinhos já foi o habitat de índios tupinambás e fazenda de cana de açúcar e café. Aos poucos novas edificações surgiram, prédios foram tombados e o desafio de conciliar estética e funcionalidade, patrimônio e inovação, aumentou.

A Fiocruz sempre se preocupou com seus bens arquitetônicos, principalmente, com o Pavilhão Mourisco. Como conta a arquiteta Inês El-Jaick Andrade do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) da Casa de Oswaldo Cruz (COC): "Na década de 70, o presidente da Fiocruz Guilardo Martins Alves chamou o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para auxiliar nas ações de reforma no pavilhão, antes de ocorrer o tombamento federal de 1981". Em 1976, a Coordenação de Restauração (Cores), ligada à presidência da Fiocruz, foi estabelecida para cuidar do pavilhão, mas com o tombamento do núcleo inicial eclético – formado pelos pavilhões Mourisco, da Peste (Prédio do Relógio) e Cavalariça – em 1981 e os restantes prédios históricos, cuidar de todo o patrimônio tornou-se, além de uma vontade, um dever.

Com a criação da COC em 1986, de cuja missão faz parte a preservação e valorização da memória institucional, a Cores, agora Departamento do Patrimônio Histórico, passou a ser vinculada à Casa e a ter o objetivo de prover a manutenção, conservação e restauração do patrimônio arquitetônico de toda a instituição. Um dos fatores que apoiaram esta decisão foi o investimento da empresa Norquisa em 1989, quando era liderada pelo ex-presidente da República Ernesto Geisel.

Segundo Ana Maria Barbedo Marques, chefe do DPH/COC, hoje, uma das questões cruciais do setor é absorver novas tecnologias e ferramentas de trabalho, que surgem em ritmo acelerado, sem degradar o patrimônio histórico-cultural da instituição. "Esta é uma preocupação constante nos projetos e obras que estão em curso, atualmente, nos pavilhões Mourisco, Figueiredo de Vasconcelos e Arthur Neiva", afirma.

Intervenções atuais

As discussões sobre o assunto intensificaram-se em 2010 e 2011 e deram origem ao Plano de Ocupação da área de Preservação do Campus Fiocruz Manguinhos (Poap), que tem a finalidade de valorizar e requalificar o conjunto arquitetônico e paisagístico e indicar diretrizes e critérios para a elaboração de projetos de intervenção nos edifícios históricos e não históricos e para novas construções que possam interferir na integridade e visibilidade dos bens tombados. "O plano mostra inclusive os espaços que não comportam mais inovações e aqueles que precisam ser readequados", ressalta Cristina Coelho, responsável pelo Núcleo de Educação Patrimonial (NEP) do DPH/COC.

É o caso do Quinino, por exemplo. O prédio foi construído em 1919 para receber o Serviço de Medicamentos Oficiais. Com o tempo, as adaptações ao uso administrativo interferiram na sua estrutura. Atualmente, as intervenções são para reparar os revestimentos das fachadas e instalação de um sistema de drenagem dos equipamentos de ar condicionado adaptados às esquadrias de madeira. Ana Maria Barbedo Marques adianta, porém, que esta é uma obra de conservação: "O Quinino tem um uso muito intenso. Uma obra de restauração geral só será possível após a construção de um outro edifício para a transferência das atividades atuais".

O mesmo se passa com o Pavilhão Arthur Neiva. O antigo Pavilhão de Cursos terminou de ser construído em 1951 e contou com a colaboração do paisagista Burle Marx, responsável pela criação do painel em azulejos e pelo tratamento paisagístico do entorno. Antes do tombamento em 2001, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

1990

Impermabilização 7ª pavimento

1991

Restauração ameias e torreões 7º pavimento

1992

Remoção das Pichações

1995

Restauração do 3º pavimento

1997

Lavantamento Bow Window Sul

(Inepac), as intervenções para modernização modificaram alguns elementos importantes. Para tentar resgatar o aspecto histórico está em andamento um Plano Diretor para o edifício e seu entorno, dentro do qual fazem parte as obras executadas recentemente e que incluem a recuperação do telhado com a substituição das telhas mantendo seu aspecto original; impermeabilização das lajes e recuperação de rufos e chapins; substituição das pastilhas da fachada nordeste; e reintegração do piso do terraço.

Por se tratar de um símbolo institucional, o Pavilhão Mourisco sempre mereceu atenção especial. Construído entre os anos de 1905 e 1918, seguiu os preceitos mais modernos de higiene e assepsia da época. Desde o tombamento, o palácio vem recebendo intervenções importantes de restauração. Neste ano, após o restauro ocorrido entre 1988 e 1992 e premiado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio de Janeiro, as torres estão recebendo uma nova intervenção.

Segundo a chefe do DPH/COC, esta é a obra mais complexa: "Os cuidados vão desde o tratamento dos componentes metálicos como a cúpula de cobre, à recuperação ou refazimento dos ornatos, confeccionados um a um. Outra dificuldade é a altura: as torres têm mais de 15 metros a partir do terraço, que se encontra a 30 metros do solo" ressalta. Tivemos que recorrer ao alpinismo predial, técnica de acesso a locais que envolvem risco de queda ou acesso difícil.

Educação patrimonial

Justamente por ser uma tarefa árdua, a conservação dos prédios históricos precisa contar com o apoio dos usuários: "Logo quando o departamento foi criado, a primeira empreitada foi recuperar o terraço e a claraboia do último pavimento. O sistema original de impermeabilização de cobre havia sido retirado e no lugar encontrava-se uma camada de cimento", conta Renato Gama Rosa, arquiteto do DPH/COC. "Também era comum encontrar salas com carpetes ou laminados em cima do piso, divisórias pouco adequadas ou colagem nos azulejos", completa.

Hoje, segundo Gama Rosa, as pessoas estão mais esclarecidas. Ele aponta como fatores de mudança o aumento do acesso a informações sobre o acervo arquitetônico e a educação patrimonial. Desde sua origem, em 2008, o Núcleo de Educação Patrimonial vem promovendo cursos de capacitação para a valorização do patrimônio, como o treinamento dos operários que fazem a manutenção dos edifícios históricos. Cristina Coelho conta que está sendo criada uma série de manuais com orientações sobre o uso, limpeza e manutenção para todos os prédios. "Já fizemos o material para o Palácio Itaboraí, em Petrópolis. O próximo a receber a cartilha será o Pavilhão Mourisco".